

ASTRID LINDGREN

PÍPPI

A BORDO



Ilustrações
INGRID NYMAN

Tradução
MARIA DE MACEDO

2ª edição



Copyright do texto © 1946 by Astrid Lindgren/ Saltkråkan AB
Copyright das ilustrações © 1948 by Ingrid Vang Nyman/ Saltkråkan AB

Publicado originalmente em 1981 pela Rabén & Sjögren, Suécia.
Para mais informações sobre Astrid Lindgren: www.astridlindgren.com
Todos os direitos estrangeiros representados por Saltkråkan AB, Lidingö, Suécia, representada no Brasil pela Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução, Ltda. Para mais informações, escrever para info@saltkrakan.se
A tradução desta obra foi apoiada pelo Swedish Arts Council.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
PIPPI LÅNGSTRUMP GÅR OMBORD

Revisão
LUCIANA BARALDI
ISABEL CURY

Composição
YUMI SANESHIGUE

Tratamento de imagem
AMÉRICO FREIRIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lindgren, Astrid
Pippi a bordo / Astrid Lindgren ; ilustrações Ingrid
Nyman ; tradução Maria de Macedo. — 2ª ed. — São
Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

Título original: Pippi Långstrump går ombord
ISBN 978-85-7406-762-9

1. Literatura infantojuvenil I. Nyman, Ingrid.
II. Título.

16-09064 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdaletrinhas.com.br

SUMÁRIO

1	Píppi ainda mora na Vila Vilekula	7
2	Píppi vai às compras	17
3	Píppi escreve uma carta e vai à escola (mas só um pouquinho)	45
4	Píppi participa do passeio da escola	61
5	Píppi vai à festa no povoado	81
6	Píppi naufraga.....	107
7	Píppi recebe uma visita surpresa	139
8	Píppi faz uma festa de despedida	155
9	Píppi a bordo.....	171
	<i>Sobre a autora</i>	189
	<i>Sobre a ilustradora</i>	191

1

PÍPPI

**AINDA MORA NA
VILA VILEKULA**

.....



SE POR ACASO ALGUM VIAJANTE

aparecesse naquela cidadezinha muito, muito pequena, e fosse até suas últimas casas, logo antes de começar o campo, esse viajante veria a Vila Vilekula. Não que a casa tivesse alguma coisa de especial; era só um velho casarão meio desmantelado no centro de um antigo jardim invadido pelo matagal, mas mesmo assim o forasteiro olharia para aquela casa e ficaria curioso de saber quem morava ali. Todos os habitantes daquela cidadezinha muito, muito pequena sabiam, naturalmente, quem morava na Vila Vilekula, e também a razão pela qual havia um cavalo na varanda da casa. Mas a pessoa que chegasse ali de repente, vinda de outro lugar, não teria como saber. Ela seria obrigada a tentar adivinhar. E, mesmo que já estivesse ficando tarde, mesmo que já fosse quase noite fechada, talvez essa pessoa avistasse uma menininha

andando pelo jardim com jeito de quem não está com a menor intenção de ir se deitar. Nesse caso, com certeza a pessoa pensaria: “Por que será que a mãe dessa menina não manda ela para a cama? A esta hora todas as outras crianças já estão dormindo”.

Porque... Como a tal pessoa ia fazer para saber que aquela menininha não tinha mãe? Aliás, ela também não tinha pai. Pelo menos não um pai que morasse com ela na casa. A menina morava completamente sozinha na Vila Vilekula. Bem... Para falar a verdade verdadeira mesmo, ela não morava completamente sozinha. É que na varanda da casa morava o cavalo da menina, e além do cavalo também morava na casa um macaco chamado sr. Nilson. Só que o visitante recém-chegado de outro lugar não teria como adivinhar essas coisas. Se a menina se aproximasse do portão — e com certeza se aproximaria, pois uma coisa que ela adorava era bater papo com as pessoas —, ele poderia olhar para ela até se cansar e talvez não conseguisse evitar um pensamento: “Nunca vi uma menina com tanta sarda nem de cabelo tão vermelho”. Logo em seguida, talvez a pessoa pensasse: “É mesmo muito bonito ter sarda e cabelo vermelho. Principalmente quando se tem a alegria e a disposição dessa menina!”.

É possível, ainda, que o visitante tivesse vontade de saber o nome da menina de cabelo vermelho que passeava tão sozinha em seu jardim ao anoitecer. Nesse caso, era só perguntar:

— Como é o seu nome?

A resposta viria em seguida, cheia de alegria e entusiasmo:

— Eu me chamo Pippilotta Comilança Veneziana Bala de Goma Filhefrain Meialonga, filha do capitão Efraim Meialonga, antigo Terror dos Mares e hoje rei dos canibais. Mas todo mundo me chama só de Píppi!

Ah! Muito bem, então era isso. A menina se chamava Píppi Meialonga. E se ela informava que o pai era rei dos canibais, era porque estava absolutamente convencida de que ele era mesmo rei dos canibais. É que uma vez, quando Píppi e o pai navegavam mar afora, uma tempestade havia jogado o pai de Píppi no mar e nunca mais ninguém tinha visto o capitão Efraim. Só que, como ele era muito forte, Píppi não acreditava de jeito nenhum que ele tivesse se afogado. Era muito mais lógico acreditar que as ondas haviam



levado o pai de Píppi até uma ilha e que agora ele vivia naquela ilha e era rei de um montão de canibais. Píppi tinha certeza de que era exatamente isso o que tinha acontecido.

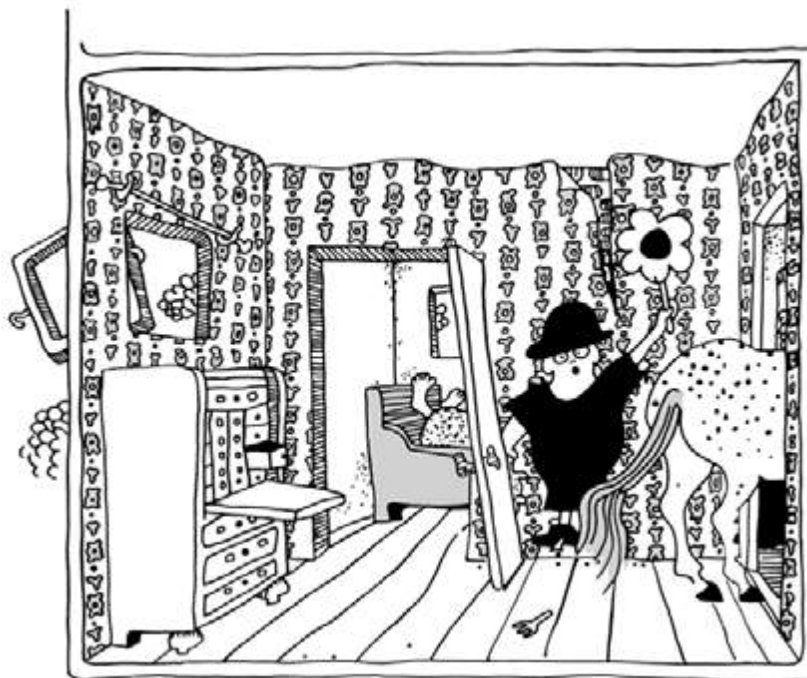
Se o viajante não estivesse com muita pressa e não fosse obrigado a sair correndo para tomar o trem, talvez quisesse conversar mais um pouco com Píppi. Aí ele ficaria sabendo que a menina morava completamente sozinha na Vila Vilekula. Quer dizer, morava na companhia de um cavalo e de um macaco. E, se tivesse bom coração, o viajante pensaria: “Mas quem sustenta essa pobre criança?”.

A verdade é que não havia necessidade de ele se preocupar com isso. “Sou mais rica do que um ogro!”, era o que Píppi costumava dizer. E era mesmo. Píppi possuía uma grande mala cheia de moedas de ouro, um presente do pai. O viajante podia ter certeza de que ela não passava nenhum tipo de necessidade. Píppi se virava muito bem sem os pais. É verdade que não havia ninguém para lhe dizer que estava na hora de ir para a cama. Mas a menina tinha encontrado uma solução para esse problema: ela mesma se dizia que estava na hora de ir para a cama. É verdade que às vezes ela só se mandava para a cama lá pelas dez da noite, pois nunca tinha acreditado muito naquela

história de que as crianças têm de estar deitadas às sete horas, que é justamente a hora em que elas estão se divertindo mais! Portanto, o viajante não precisava ficar scandalizado ao ver Píppi dando voltas no seu jardim bem depois de o sol se esconder, quando a temperatura começava a refrescar e Tom e Aninha já estavam no terceiro sono, ressonando em suas camas quentinhas.

Quem eram Tom e Aninha? Claro, isso era outra coisa que o tal viajante não teria como saber. Tom e Aninha eram os amiguinhos com quem Píppi costumava brincar. Eles moravam na casa ao lado da Vila Vilekula. Pena que o tal viajante não tivesse chegado um pouco mais cedo, porque aí teria conhecido Tom e Aninha. Teria conhecido duas crianças realmente gentis e educadas. Se tivesse chegado um pouco mais cedo, com toda a certeza teria encontrado os dois na casa de Píppi. Porque todos os dias Tom e Aninha corriam para a varanda da casa de Píppi e passavam o dia na casa da amiga; eles só saíam de lá para dormir, comer ou ir à escola. Só que naquele horário Tom e Aninha já estavam dormindo, óbvio, pois os dois tinham pai e mãe, e o pai e a mãe deles estavam convencidos de que todas as crianças devem estar deitadas às sete da noite.

Se o viajante não estivesse mesmo com pressa,



talvez ele continuasse em pé ao lado do portão da Vila Vilekula depois de Píppi dizer boa-noite e entrar. É que talvez ele quisesse descobrir como ela fazia para se virar sozinha. Talvez quisesse ver se ela ia mesmo se deitar. Escondido quietinho atrás da trave do portão, ele poderia observar os acontecimentos. E se Píppi fizesse o que costumava fazer quando ficava com vontade de dar uma volta a cavalo? Ela iria até a varanda, ergueria o cavalo bem alto com seus braços fortes, e o levaria até o jardim! Nesse ponto talvez o viajante esfregasse os olhos para ver se não estava sonhando.



“Que criança incrível!”, diria ele para si mesmo, escondido atrás da trave do portão. “Não acredito, ela consegue carregar o cavalo! É a criança mais impressionante que já encontrei na vida!”

E teria razão. Píppi era a criança mais impressionante deste mundo. Quer dizer, pelo menos daquela cidade. Talvez houvesse crianças ainda mais impressionantes em outros lugares, mas naquela cidadezinha muito, muito pequena não havia ninguém como Píppi Meialonga. E em lugar nenhum do mundo havia alguém mais forte do que ela.